



DIÁRIOS VISUAIS: RELATO DE PRÁTICAS CURRICULARES EMANCIPATÓRIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE NÍVEL MÉDIO EM ANGRA DOS REIS

Wilza Lima dos Santos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; e-mail: willprofartes@yahoo.com.br

Raphael Pelosi Pellegrini

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; e-mail: raphaepellegrini@gmail.com

Resumo: Metamorfoseando o cotidiano escolar como um universo, com estrelas e planetas realizando seu ciclo por vezes impecável, por vezes não, o presente trabalho captura dentro deste complexo universo práticas com a linguagem, a partir da narrativa de uma professora da educação básica, de seres diferenciados que buscam por algo em sua vida. Convivendo com as ordens e desordens dos planetas, criam imprevisivelmente novos conhecimentos, re/des/tecendo seus cotidianos. Esses seres, praticantes destes universos escolares, sentem em seus corpos as tensões produzidas nas redes escolares, construindo, cada um a sua forma, questões que eclodem nos múltiplos *espaçostempos* da educação básica. Assim, o presente trabalho captura algumas dessas táticas utilizadas por estes seres/corpos e modos juvenis, com foco em suas conversas, suas aceitações, rebeldias, sua produção ética e estética, sua forma de estar nesses universos dos cotidianos escolares ou nos mundos fora da escola. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca metamorfosear universos, tecendo redes com outros fios do cotidiano, buscando repensar os múltiplos espaços diferenciados de todos os dias. A partir de tais práticas, tornou-se possível tecer, por meio dos muitos artifícios da linguagem, aquilo que os seres/corpos captaram, guardaram para si, em suas experiências cotidianamente dentrofora dos espaços escolares. Assim, ao adaptar a ideia do filme *Escritores da Liberdade* com a ferramenta *sketch book* em um tipo de produção chamada diário visual, constituem-se novos espaços de burla, negociação e improvisações que deslocam os currículos oficiais e produzem práticas emancipatórias a partir da legitimação do outro como sujeito de saber.

Palavras-chave: Formação de Professores Ensino Médio, Cotidiano, Currículo e Ecologia de Saberes.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

À primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem: um amontoado de estrelas, dispersas ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, imperturbável — cada noite, aparentemente desde sempre e para sempre, o mesmo céu estrelado, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: vem pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; vemos um universo em expansão, em dispersão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem; é necessária a binocularidade mental, uma vez que vemos um universo que se organiza desintegrando-se. (MORIN, 2005, p. 195)

Trazendo os pensamentos de Morin sobre ordem, desordem e complexidade, abrimos o presente trabalho com esta citação, porque metamorfoseamos o cotidiano escolar como um universo, com estrelas e planetas realizando seu ciclo às vezes impecável ou não. Dentro deste complexo universo, seres diferenciados que buscam por algo em sua vida, convivendo com as ordens e desordens dos planetas, criam, imprevisivelmente, novos conhecimentos re/des/tecendo seus cotidianos. Entretanto tal desordem interplanetária, pode, aparentemente, nos dar a impressão que no planeta do ensino fundamental I não podem circular os seres do planeta do ensino fundamental II, muito menos os seres do planeta, ensino médio. A pergunta que nos toma é: seria a necessidade de separação uma condição essencial desses seres ou são alguns seres que produzem mundos/planetas distintos por acreditarem ser impossível estabelecer a copresença desses seres em um mesmo espaço/lugar? Quem seriam os produtores destas separações/ordens nos planetas?

Uma parte dos praticantes dos universos dos cotidianos escolares, que detém o poder de tomar algumas decisões - secretarias de educação, diretoras de escola -, atribuem sua ação à lei de diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996) ou aos parâmetros curriculares nacionais (BRASIL, 1997), produzidos por seres de outro universo. Aos seres que fazem mover todos esses planetas pertencentes à educação básica, os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) dos cotidianos escolares, a oportunidade de escolha é, quase sempre, nenhuma.

Esses seres, praticantes destes universos escolares, sentem em seus corpos as tensões produzidas nas redes escolares, construindo, cada um a sua forma, questões que eclodem nos múltiplos *espaçostempos* da educação básica. Ao olharmos as práticas de poder (CERTEAU, 2011) do planeta/escola, enxergamos que a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados,



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

corpos dóceis deste ser/corpo (FOUCAULT, 1995). Entretanto, como nos lembra Latour (1994), “quanto mais nos proibimos de pensar os híbridos, mais seu cruzamento se torna possível”. Assim nas viagens desses seres/corpos pelos diversos planetas, aparentemente organizados/disciplinados, podemos olhar o politeísmo das práticas (CERTEAU, 2011) e ver que alguns vão tecendo redes identitárias, encontrando outros caminhos, táticas (CERTEAU, 1994), na tentativa de romper com as regras/ordens, estratégia (CERTEAU, 1994) de cada planeta.

A partir de suas táticas, pequenas astúcias do fraco, as máscaras, acessórios, figurinos e ferramentas utilizados na construção/criação deste ser/corpo, nos universos do cotidiano escolar produzem práticas que escapam às estratégias disciplinares. A saia do uniforme, presente no figurino, ganha uma nova forma ao receber algumas dobras após a inspeção, visando reduzir o seu tamanho na hora de adentrar nos planetas. Assim, os planetas são bombardeados todos os dias por novas táticas, minúsculas, miúdas, silenciosas, que multiplicam os usos do figurino e demais acessórios na defesa ou tentativa de romper com as estratégias/regras de uniformização e des-identificação impingida pelo uso do uniforme e regras em relação ao uso de complementos, como os cortes de cabelo, bonés, etc. Práticas de diferença que reforçam a identidade individual em mundos que buscam e prezam a impecabilidade da igualdade. Vale recordar o caso, noticiado no *Tumblr*, onde um aluno/ser/corpo transexual foi de saia para escola, tendo sido barrado ao entrar no planeta/escola e obrigado a voltar para casa já que “aquele uniforme era de menina”. Seus companheiros utilizaram as redes sociais e deram conta de mobilizar outros alunos/seres/corpos, que combinaram de ir todos, meninos e meninas, de saia no outro dia em defesa de seu companheiro.

A pesquisa com os cotidianos escolares faz foco às capturas dessas táticas utilizadas por estes seres/corpos e modos juvenis, suas criações, re-criações, aceitações, rebeldias, sua produção ética e estética, sua forma de estar nesses universos dos cotidianos escolares e nos mundos fora da escola, como um terceiro olhar (MORIN, 2005). Essas desconstruções, que buscam metamorfosear universos, tecendo redes com outros fios do cotidiano, fazem buscar recursos diferenciados todos os dias, fornecendo algo de sedutor para esses seres/corpos que instigue a tentativa de alimentar a essas janelas que são disputadas por imagens em seu



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

cotidiano. Tais táticas entrem em ressonância com Boaventura no que tange seus pensamentos sobre igualdade e diferença. Como nos alerta o sociólogo português:

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003. pg. 56)

Nesta busca por legitimar as diferenças num contexto de justiça cognitiva, trazemos o relato de Wilza, refletindo sobre suas práticas com sua turma quando ao assistir ao filme de 2007 “FreedomWrites”, traduzido como “Escritores da liberdade” no Brasil, com direção Richard LaGravenese, incendeia uma paixão que poderia incendiar muitas almas/corpos também. O desejo era pensar uma prática na qual fosse possível tecer por meio de algum artifício da linguagem aquilo que os olhares dos seres/corpos captaram, guardaram para si, em suas experiências re/des/tecidas cotidianamente *dentrofora* dos espaços escolares. Tal inquietude adaptou, então, a ideia do filme com a ferramenta *sketch book* em um tipo de produção chamada **diário visual**. Uma ferramenta, um instrumento, um espaço (CERTEAU, 1994) pelo qual seria possível constituir diálogos entre professor e alunxs, neste caso de ensino médio, através da visualidade. No fim do 1º bimestre, um caderno diferente do outro, relatos, fotos, montagens com palavras, imagens, cada ser/corpo o seu modo, seu estilo, sua personalidade.

Diante da pluralidade de maneiras de fazer, foi possível assumir os diários visuais como espaços de enredamentos dos múltiplos conhecimentos de cada alunx. São percursos narrados que não se repetem e se desviam a cada nova página virada, cada nova ideia tecida. Assim, se constituem como práticas de escrita livre e engajada, já que fala de si, que desafiam as estratégias normatizadoras e produzem outros currículos de formação. Nessa perspectiva, torna-se imprescindível assumir os diários visuais em permanente diálogo com o que poderia ser entendido como uma prática docente do amor, como define Maturana.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

O que é o amor?

O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências (MATURANA, 2002)

Ao legitimar o outro na sua produção, os diários visuais ganham potência de criação e rompem quaisquer fronteiras disciplinares/normatizadoras constituídas pelos seres de fora das trocas cotidianas das salas de aula. Os mundos/aulas de artes, que podem ser matemática, português e história simultaneamente se abrem para a diversidade dos outros universos que invadem as páginas dos cadernos pelas vozes dos alunxs.

Conversar com os diários: o papel da tradução intercultural

Vivemos dominados por uma percepção redutora e utilitária que converte os idiomas num assunto técnico da competência dos linguistas. Contudo, as línguas que sabemos — e mesmo as que não sabemos que sabíamos — são múltiplas e nem sempre capturáveis pela lógica racionalista que domina o nosso consciente. (COUTO, 2011)

Diante de tamanha pluralidade de trabalhos trazidos pelos alunos, conversar com os diários visuais de maneira justa parece requisitar aceitação da diversidade de saberes como constitutiva das salas de aula, produzindo com isso uma permanente negociação com os sentidos construídos por pelos alunxs a cada página. Surgem nas produções muitas línguas que desafiam as lógicas racionalistas produzindo acessos a sentidos inesperados que escapam das expectativas e levam a linguagem para campos não imaginados. Assim, ao trabalhar a partir de uma perspectiva ecológica com os saberes de professorxs e alunxs, as práticas de produção dos diários requisitam dos *praticantespensantes* o exercício constante de tradução intercultural. Tal movimento de negociação de sentidos garante a possibilidade de produção de novos enredamentos nos quais os saberes dos professorxs e dos alunxs dialogam sem um fim pré-estabelecido.

Nessa perspectiva pós-abissal de trabalho com a linguagem, o movimento de construção das conversas busca evitar a produção de epistemicídios que deslegitimem o outro a partir de suas construções individuais. Dessa forma, cabe tudo nos diários visuais: narrativas, imagens, desenhos, histórias da infância e do último recreio. Cada página guarda



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

consigo saberes e não saberes singulares que convidam os praticantes do cotidiano à tencionarem suas redes e produzirem novas formas de aprendizagens. Os currículos de artes tornam-se espaços certamente repletos de táticas, capturados apenas pelas páginas produzidas pelos alunos.

Assim, o que para muitos seres/professores pode parecer caótico devido sua mobilidade e imprevisibilidade, pois cada caderno apresenta desde uma capa diferente até objetivos distintos, pode apresentar sentidos relacionados aos universos pessoais de cada ser/corpo/aluno em expansão. O diário não é uma carta, nem propaganda, nem redação encomendada para treinar para o ENEM. É a possibilidade, em alguns casos, de oferecer um espaço em branco, de partilhar os currículos e produzir outros aprendizados para os seres/corpos que preenchem os cadernos com aquilo que os toca.

Devido a isso, negociar de maneira justa cognitivamente os sentidos se torna tarefa imprescindível para a constituição de relações mais desierarquizadas nas quais sejam possíveis legitimar o outro seja quem for. Como afirma Maturana (2002),

Sem uma história de interações suficientemente recorrentes, envolventes e amplas, em que haja aceitação mútua num espaço aberto às coordenações de ações, não podemos esperar que surja a linguagem.

Somente por tais caminhos foi possível conhecer suas histórias, desejos e medos e com isso tecer conversas que buscam os fios dos seres/corpos que foram de certa forma cortados/docilizados ou não. Nestas conversas se produzem novos nós nas redes atravessando os muros das escolas/planetas, realizando a tecitura de saberes com escrita/desenho/criação autoral.



Terminando, mas não concluindo...

O presente trabalho/pesquisa, ainda em desenvolvimento, tem possibilitado pensar que as práticas com os diários visuais, realizadas com os seres/corpos dos planetas do ensino médio e formação de professores em uma escola estadual do Rio de Janeiro, pode ser cotidianamente tecida para e por alguns seres/corpos práticas emancipatórias, já que a apropriação do diário, por parte dos *praticantespensantes* do cotidiano escolar, constitui-se como uma forma de constituição de uma abertura de espaços de táticas. Tal prática permite o permanente processo de constituição dos currículos da sala de aula a partir das negociações e traduções de sentidos produzidos por meio das linguagens capturadas nas narrativas visuais.

Nesse sentido, professorxs e alunxs negociam os sentidos produzidos nos diários visuais numa perspectiva pós-abissal na qual tais conversas buscam produzir uma ecologia de saberes. Ao reconhecerem os saberes do outro como legítimos e se darem ao diálogo intercultural, os praticantes dos cotidianos escolares re/des/tecem saberes e produzem currículos imprevisíveis nos múltiplos espaços possibilitados pela prática dos diários visuais. Nas táticas de produção, língua[gens] pessoais se constituem e sem dissolvem a partir de lógicas singulares. Assim, o que poderia ser apenas uma ferramenta de trabalho/comunicação entre os seres professor e alunx, tem se mostrado/tornado, em alguns casos, uma importante forma de construção de conversas pessoais e reflexões de gosto e compreensão pessoal de mundo.

Referências Bibliográficas.

BRASIL. Lei N.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, 23 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. v. 10.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. São Paulo. Vozes, 1994.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Rio de Janeiro. Vozes, 1995.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil LTDA, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação.** Rio de Janeiro: Dp&a, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **Práticas Cotidianas e Emancipação Social: do Invisível ao Possível.** Petrópolis: de Petrus Et Alli, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana.** Petrópolis: de Petrus Et Alli, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-71.